

AUTOR

**Tito Eugênio
Santos Souza***

tito_souza@live.com

*Doutorando em Ciências da Comunicação pela Universidade de Coimbra (Portugal).

Jornalismo, literatura e olhares sobre o cotidiano: caminhos e tendências da crônica brasileira

Periodismo, literatura y perspectivas sobre la vida diaria: caminos y tendencias de la crónica brasileña

Journalism, literature and looks at daily life: pathways and trends of the Brazilian chronicle

RESUMO

Este artigo propõe-se a analisar algumas das principais tendências no que diz respeito à crônica brasileira contemporânea, aqui entendida como um gênero híbrido e fronteiro entre o jornalismo e a literatura. Para tanto, inicialmente, procurou-se conceituar a crônica como gênero, apontando as suas principais características delimitadoras. Em seguida, foi traçado um breve painel histórico da fixação e das transformações desse gênero no Brasil, sendo ora considerado um “gênero menor”, ora reivindicando para si uma atenção maior – sobretudo quando deixa as páginas de jornais e revistas (ou mesmo da internet) para ocupar um lugar de maior destaque em coletâneas e livros de crônicas. Por fim, foram analisados textos de autores(as) diversos(as) com o objetivo de verificar as principais tendências da crônica brasileira contemporânea, principalmente nas últimas décadas do século XX e nos primeiros anos do XXI.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo analizar algunas de las principales tendencias acerca de la crónica contemporánea brasileña, aquí entendida como un género híbrido y en la frontera entre el periodismo y la literatura. Por lo tanto, inicialmente se ha tratado de conceptualizar la crónica como género, señalando sus principales características delimitadoras. A continuación, se trazó un corto panel de la historia y las transformaciones de tal género en Brasil, ora siendo considerada un “género menor”, ora reclamando para sí una mayor atención – sobre todo al salir de las páginas de los periódicos y revistas (o incluso de internet) para tener mayor destaque en las colecciones y libros de crónicas. Por último, fueron analizados textos de autores y autoras diversos con el fin de verificar las tendencias principales de la crónica brasileña contemporánea, especialmente en las últimas décadas del siglo XX y los primeros años del XXI.

ABSTRACT

This article proposes to analyse some of the main trends related to the contemporary Brazilian chronicle, which here is understood as a hybrid and border genre between journalism and literature. In this way, the chronicle was initially conceptualized as a genre, pointing out its main delimiting characteristics. After this, a brief historical overview of the fixation and the transformations of this genre in Brazil is drawn, which is sometimes considered a “minor genre”, and other times it claims greater attention for itself –especially when it leaves the newspapers and magazines pages (and even from the internet) to occupy a place of greater prominence in collections and books of chronicles. Finally, some texts written by different authors were analysed in order to verify the main trends of the contemporary Brazilian chronicle, especially in the last decades of the 20th century and the first years of the 21st.

1. Introdução

Não é de hoje que o jornalismo e a literatura aproximam-se. Numa acertada síntese, Francisco Gutiérrez Carbajo (1999, p. 23) afirma que a relação entre esses dois campos discursivos teve o seu primeiro momento de esplendor durante o século XVIII, estreitou-se ao longo do século XIX e constituiu “um dos capítulos fundamentais da cultura do século XX”. Nesse ínterim, diversas foram as transformações históricas que assinalaram a emergência de certos gêneros discursivos e o desaparecimento de outros, como sintoma do espírito de um tempo marcado por constantes e vertiginosas modificações, observáveis nas diferentes esferas de atuação humana.

Neste contexto, a crônica apresenta-se como um dos gêneros jornalísticos que mais se aproxima da criação literária e seus sofisticados instrumentos de expressão artística. Assim, partindo-se do princípio de que os limites entre o jornalismo e a literatura são mais tênues do que normalmente supomos, tais contornos podem ser ainda mais imprecisos quando consideramos um tipo de narrativa como a crônica – a qual, na perspectiva do poeta e ensaísta espanhol Enric Sòria (2005), pode ser apontado como o mais híbrido, flexível e literário dos chamados gêneros jornalísticos.

Portanto, compreender as características deste gênero, que se consolidou no jornalismo brasileiro ainda no século XIX – mas que permanece modificando-se desde então –, é também uma forma de conhecer as principais tendências do jornalismo contemporâneo. Por meio da crônica, aquele que a escreve pode deixar-se guiar mais livremente pelas suas impressões e, desse modo, romper as fronteiras normalmente impostas pelos modelos convencionais de representação da realidade, a exemplo da notícia e da reportagem – gêneros que tradicionalmente gozam de maior prestígio dentro do jornalismo.

Assim, este trabalho tem como propósito investigar algumas das principais tendências da crônica brasileira contemporânea, a partir da análise de textos de diferentes autores e autoras que se dedicaram à escrita do gênero nestes últimos dois séculos. Antes disso, porém, é importante atentarmos para o seu processo de fixação e as suas transformações no país, identificando as características delimitadores desse gênero que se volta essencialmente para as sutilezas do cotidiano, pois “de notícias e não notícias faz-se a crônica”¹.

2. A crônica: origem e características do gênero no Brasil

Ao ser interpelado pelo jornalista Geneton Moraes Neto se “o jornalismo pode[ria] ser literatura”, naquela que seria a sua última entrevista concedida², o poeta brasileiro Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), que por muitos anos exerceu o ofício de jornalista, prontamente respondeu: “O jornalismo é uma forma de literatura. Eu, pelo menos, convivi – e mil escritores conviveram – com uma forma de jornalismo que me parece muito afeiçoada à criação literária: a crônica” (Andrade, 1987 *apud* Moraes Neto, 2007, p. 52).

Ao longo da sua trajetória como jornalista, a crônica havia sido uma inseparável companheira, mas o poeta mineiro, que já se confessara “gauche” em seu célebre *Poema de sete faces* (Andrade, 2009, p. 9), nem sequer ousa mencionar o próprio nome. Para referendar sua afirmação, cita como exemplo o escritor carioca Machado de Assis (1839-1908), descrevendo-o como um grande romancista e cronista inigualável, que ao mesmo tempo “brincava com as palavras” e “tinha a reflexão profunda das coisas, o comentário correto, lúcido e original” (Andrade, 1987 *apud* Moraes Neto, 2007, p. 52).

PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo;
literatura; gêneros
jornalísticos;
crônica brasileira

PALABRAS CLAVE

Periodismo;
literatura; gêneros
periodísticos;
crónica brasileña

KEYWORDS

Journalism;
literature;
journalistic genres;
Brazilian chronicle

Recibido:

19.02.2017

Aceptado:

06.07.2017

De fato, tais características atribuídas pelo poeta mineiro ao autor de *Dom Casmurro* podem ser constatadas em uma das crônicas machadianas mais conhecidas, *O nascimento da crônica*, cujo início transcrevemos a seguir:

Há um meio certo de começar a crônica por sua trivialidade. É dizer: Que calor! Que desenfreado calor! Diz-se isto agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca. Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjeturas acerca do sol e da lua, outras sobre a febre amarela, manda-se um suspiro a Petrópolis, e *La glace est rompue*; está começada a crônica (Assis, 2007, p. 27).

À parte o tom jocoso que acompanha todo o texto, publicado originalmente em 1877 na revista *Ilustração Brasileira*³, Machado de Assis considerava a observação de um fato banal – como a simples constatação do calor nos trópicos, por exemplo – o ponto de partida e também a razão de ser da crônica. Longe de apresentar uma genealogia do gênero, conforme o título sugere, a metalinguagem aparece aqui como um simples pretexto para romper o silêncio e, assim, iniciar uma breve e descompromissada conversa do autor com o possível leitor. A explicação, para ele, era simples: “há toda a probabilidade de crer que [a crônica] foi coetânea das primeiras duas vizinhas”, tendo surgido quando elas, “entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta, para debicar os sucessos do dia” (Assis, 2007, pp. 27-28).

Se, como argumenta Machado, a origem da crônica assenta-se no seu aspecto eminentemente circunstancial, estamos diante da principal (mas não a única, evidentemente) característica do gênero, que se modificou ao longo dos tempos até alcançar as feições que hoje possui entre nós. Embora os seus limites sejam bastante imprecisos, há certa tendência em afirmar que a crônica contemporânea é um gênero híbrido entre o jornalismo e a literatura⁴, mesmo sofrendo consideráveis variações nos diferentes países e continentes onde o gênero foi (e tem sido) cultivado.

Com efeito, o pesquisador brasileiro José Marques de Melo (2002) demonstra que não existe uma

unanimidade quanto à definição do gênero, contrapondo a crônica do jornalismo hispano-americano à do luso-brasileiro. Segundo Melo (2002), enquanto na tradição de língua espanhola a crônica é situada como um gênero informativo, “sendo sua função precípua oferecer descrições (matizadas pela observação de cada cronista) ao público leitor dos jornais e revistas”, no jornalismo luso-brasileiro ela aparece como um gênero opinativo, “situado na fronteira entre a informação de atualidades e a narração literária, configurando-se como um relato poético do real” (Melo, 2002, pp. 146-147).

Na esteira dos gêneros jornalísticos opinativos, Affonso Romano de Sant’Anna (2000) diferencia ainda a crônica do artigo, da coluna e do comentário. Para esse autor, enquanto o articulista, o colunista e o comentarista especializam-se em determinados assuntos (política, economia, futebol, etc.) e estão presos à obrigação da atualidade, o cronista elabora literariamente sua linguagem, imprimindo-lhe forma e estilo próprios. “Colunista, articulista e comentarista podem, eventualmente, abrir-se à subjetividade literária, mas isso é um pequeno desvio que eles logo corrigem” (Sant’Anna, 2000, p. 203).

Contudo, nem sempre foi assim. Conforme nos lembra Silvânia Siebert (2014), pelo menos até o início do século XIX, a crônica possuía essencialmente a função de relato histórico, ao registrar tanto os hábitos e costumes dos nativos como os acontecimentos testemunhados pelos viajantes e conquistadores europeus no “novo mundo”. Exemplo disso é a famosa carta escrita por Pero Vaz de Caminha (1450-1500) a El-Rei de Portugal, Dom Manuel I, por ocasião do achamento de uma nova terra nos trópicos e que hoje corresponde ao Brasil. Eis, a seguir, um trecho da carta escrita por Caminha em 1500, historicamente apontada como a “certidão de nascimento” do Brasil:

Senhor

Mesmo que o Capitão-mor desta vossa frota e também os outros capitães escrevam a Vossa Alteza a notícia do achamento desta vossa Terra Nova que, agora, nesta navegação se achou, não deixarei, também, de dar disso minha conta a Vossa Alteza, tal

como eu melhor puder, ainda que para bem contar e falar o saiba fazer pior que todos. Mas tome Vossa Alteza minha ignorância por boa vontade; e creia, como certo, que não hei de pôr aqui mais que aquilo que vi e me pareceu, nem para aformosear nem para afeiar (Caminha, 1999, p. 11).

Mesmo consciente das eventuais limitações do seu relato, como tentativa de captar a realidade por ele observada, Caminha empreende um notável esforço para descrever a nova terra da maneira mais fiel possível às circunstâncias, conforme notamos nas páginas seguintes da longa e detalhada missiva enviada à coroa portuguesa. No entanto, a carta permaneceria inédita por mais de dois séculos, até ser descoberta, em 1773, por José de Seabra da Silva na Torre do Tombo, em Lisboa. Na leitura de Jorge de Sá (2005, p. 5), não obstante o seu caráter de registro histórico, é indiscutível que o texto de Caminha trata-se de uma crônica no melhor sentido do termo, ao recriar com engenho e arte tudo o que ele observa “no contato direto com os índios e seus costumes, naquele instante de confronto entre a cultura europeia e a cultura primitiva [sic]”.

Evidentemente, entre a carta de Caminha e a crônica contemporânea existe um hiato que assinala as próprias transformações do gênero durante o seu processo de aclimação e fixação no Brasil. Até alcançar a forma que hoje possui, foi perdendo em extensão e adquirindo outra roupagem (semântica e sintática), ao ser incorporada como mais um gênero jornalístico pela emergente imprensa nacional. Como elucida Antonio Candido (1992, p. 15), no seminal ensaio *A vida ao rés-do-chão*, antes de ser crônica propriamente dita, ela foi “folhetim”, ou seja, “um artigo de rodapé sobre as questões do dia – políticas, sociais, artísticas, literárias”.

É nessa altura, pois, que nos encontramos com a forma de escrita então praticada por José de Alencar (1829-1877), na seção intitulada *Ao correr da pena*, publicada semanalmente no jornal carioca *Correio Mercantil*, de 1854 a 1855, e, anos mais tarde, por Machado de Assis, também no mesmo periódico e na já citada revista *Ilustração Brasileira*. Aos poucos, porém, o folhetim foi encurtando e ganhando a leveza de uma publicação mais despreocupada – não raro com uma boa dose de humor e de sarcasmo –, afastando-se da lógica argumentativa

ou da crítica política para aproximar-se cada vez mais da literatura. Foi, portanto, a partir do folhetim que a crônica despontou no jornalismo brasileiro (Candido, 1992; Melo, 2002).

Em sua fórmula contemporânea, marcada por uma linguagem leve e próxima do cotidiano, a crônica brasileira combina um fato de aparente insignificância com certo toque humorístico e muitas vezes poético, na descrição de Candido (1992). Segundo ele, no entanto, é precisamente o fato de ficar tão perto do dia a dia que lhe permite realizar uma verdadeira quebra da ênfase e do monumental, uma vez que a perspectiva daqueles que a escrevem não é a “do alto da montanha, mas do simples rés-do-chão” (Candido, 1992, p. 14). Isto acontece porque a crônica não tem pretensões a durar, uma vez que não foi feita originariamente para o livro e sim para o jornal – “essa publicação efêmera que se compra num dia e no dia seguinte é usada para embrulhar um par de sapatos ou forrar o chão da cozinha” (Candido, 1992, p. 14).

É dessa forma, portanto, que Candido (1992, p. 13) irá justificar a afirmação contida logo no início do seu ensaio, quando diz que a crônica é um “gênero menor”, pois, segundo ele, “não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas”. Em seguida, porém, desdobra-se em elogios ao gênero, chegando a afirmar: “Graças a Deus, – seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica perto de nós” (Candido, 1992, p. 13).

Seja como for, é inegável que a crônica está sujeita às mesmas vicissitudes temporais que se aplicam ao jornalismo, na medida em que consiste na interpretação parcial de um fato, é normalmente breve e requer certa urgência de elaboração, na análise de Antônio Dimas (1974). Assim, sendo a principal função de um periódico a de informar, por meio de uma linguagem que se pretende unívoca e sem margem para ambiguidades, a crônica funcionaria como uma espécie de “descanso” para o leitor, ao fazer uso de uma linguagem que tende para a plurivocidade e a ambiguidade, mesmo partindo de um fato qualquer (Dimas, 1974).

Destarte, a crônica reúne características que a aproximam tanto do jornalismo como da literatura.

Do mesmo modo como os acontecimentos do mundo real orientam a produção da notícia, a crônica normalmente parte de um fato do cotidiano – decerto, com um grau muito maior de liberdade (re)criadora – para, então, reconstruí-lo. Por outro lado, guarda também semelhanças estilísticas com a literatura, ao utilizar recursos figurativos que ora beiram à ficção e, ainda, por mesclar as impressões e percepções do narrador-repórter de maneira pouco convencional no jornalismo diário.

3. O cronista como narrador-repórter

A ideia do cronista como narrador-repórter – aqui tomada de empréstimo de Jorge de Sá (2005) – talvez seja a que melhor define o papel daquele ou daquela que se volta para a realidade e dela retira o material necessário, por assim dizer, para a elaboração de um texto curto e despretensioso, destinado às páginas de jornais, revistas e, mais recentemente, da internet. Do cronista, espera-se o mesmo senso de observação e perspicácia de um repórter, mas também a mesma habilidade expressiva e de recriação que encontramos em um bom contador de histórias.

Certamente, tal habilidade estava presente no jornalista carioca Paulo Barreto (1881-1921), mais conhecido pelo pseudônimo de João do Rio. Atento às transformações da capital fluminense, que rapidamente se modernizava no início do século XX, o autor de *As Religiões no Rio*⁵ costumava ir ao local dos fatos, para melhor melhor investigá-los e, assim, dar mais vida ao seu próprio texto. Conscientemente ou não, João do Rio acabou impondo aos seus contemporâneos uma nova forma de vivenciar a profissão de jornalista, até então considerada uma atividade secundária pela intelectualidade da época. Para Jorge de Sá (2005, p. 9), foi precisamente essa atitude de ir às ruas que o consagrou como “o cronista mundano por excelência”, oferecendo à crônica uma feição mais “literária” que seria enriquecida por Rubem Braga (1913-1990) tempos depois.

Na crônica “Um mendigo original”, chama-nos a atenção a figura do mendigo Justino Antônio,

descrito por João do Rio (2007, p. 44) como “um homem considerável, sutil e sórdido”, porém “com uma rija organização cerebral que se estabelecia neste princípio perfeito: a sociedade tem de dar-me tudo quanto goza, sem abundância mas também sem o meu trabalho”. Ao construir um breve perfil de um personagem comum, “uma curiosa figura perdida em plena cidade”, com sua filosofia de vida bem peculiar – “Vivo assim porque entendo viver assim. (...) Numa sociedade em que os parasitas tripudiam, é inútil trabalhar”, dizia Justino –, o autor desnuda as mazelas de uma cidade marcada pela exclusão e pela miséria, retratando o destino trágico e solitário de quem vive à margem da sociedade (Rio, 2007, pp. 45-48).

Anos mais tarde, a mesma cidade por onde flanava João do Rio seria o cenário de muitas crônicas escritas por Rubem Braga (1913-1990), capixaba de Cachoeiro de Itapemirim que estreou no jornalismo profissional ainda aos 15 anos, no periódico *Correio do Sul*. Em *Quando o Rio não era o Rio*, o autor recorda-se em tom nostálgico de uma época em que, ainda garoto, ouvia falar na cidade com certo deslumbramento:

Lembro-me que, apesar de sentir esse fascínio do Rio de Janeiro, eu não pensava nunca em vir aqui. Isso simplesmente não me passava pela cabeça; o Rio era um lugar maravilhoso, onde vinham pessoas grandes e até eu pensava vagamente que no Rio de Janeiro só devia haver pessoas grandes (Braga, 2007, p. 67).

Já radicado naquela cidade, Rubem Braga acabaria por tornar-se um dos cronistas brasileiros mais conhecidos e referenciados, sobretudo por sua dedicação praticamente exclusiva ao gênero, como atesta Candido (1992). Na avaliação de Sá (2005), “sua opção é ainda mais corajosa porque, vivendo num país de frases bombásticas, ele cumpre a principal característica do escritor: o despojamento verbal, que implica uma construção ágil, direta, sem adjetivações” (Sá, 2005, p. 13). Nesse sentido, a própria urgência de viver confere ao narrador-repórter uma característica que é transferida de imediato para a sua narrativa: a simultaneidade do ato de escrever com a atitude de eliminar os excessos (Sá, 2005). Não por acaso, em “Manifesto”, Braga (2007) afirma que “o cronista de jornal é

como o cigano que toda noite arma sua tenda e pela manhã a desmancha, e vai” (Braga, 2007, p. 236).

Evidentemente, nem só de descrições entusiasmadas ou *flânerie* pela “cidade maravilhosa” fez-se a crônica brasileira. Esta também haveria de ser o lugar propício para a reflexão e o questionamento dos nossos costumes e, por que não, da nossa própria e fragmentada identidade, como o fez Nelson Rodrigues (1912-1980) em uma de suas crônicas esportivas mais conhecidas, curiosamente intitulada *Complexo de vira-latas*.

Nesse texto, publicado originalmente em maio de 1958, ano em que a seleção brasileira conquistou o título mundial de futebol pela primeira vez, Rodrigues questionava o acentuado sentimento de pessimismo que havia tomado conta do povo brasileiro às vésperas do campeonato. A origem de tamanho pessimismo era, então, explicada por ele como consequência do nosso suposto “complexo de vira-latas”, que poderia ser definido como a posição de “inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo”; em seguida, acrescenta: “isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol” (Rodrigues, 2007, p. 119).

Se, por essa época, o futebol já era um assunto frequente – para não dizer obrigatório – nas rodas masculinas, em sua *Crônica social*, Clarice Lispector (1920-1977) apresenta-nos um painel bastante sutil dos costumes e convenções sociais que, de algum modo, oprimiam as mulheres brasileiras na década de 1960. Durante um “almoço de senhoras”, o excesso de formalidades parecia sufocar de tal maneira as convidadas ali presentes que “cada uma tinha um pouco de medo de si própria, como se se achasse capaz das maiores grosserias mal se abandonasse um pouco”; entretanto, “o compromisso fora o de tornar o almoço perfeito” (Lispector, 2007, p. 174).

Embora tenha publicado essa e outras crônicas no *Jornal do Brasil*, entre 1967 e 1973, a autora do denso romance psicológico *A Paixão Segundo G.H.* não tinha uma visão muito positiva dos seus textos destinados ao jornal, chegando a afirmar que somente os escrevia por necessidade

financeira (Dimas, 1974). Aliás, por muito tempo a produção cronística de Lispector foi injustamente considerada secundária ou de menor importância no conjunto de sua obra, certamente devido ao estigma de “gênero menor” que foi atribuído à crônica. Para Antônio Dimas (1974), um dos motivos indiscutíveis para este relativo desinteresse da crítica, nomeadamente literária, é a feição financeiramente utilitária do gênero, do qual se valeriam muitos intelectuais e escritores para aumentar o orçamento – para além de outras características da crônica já citadas anteriormente (sua natureza efêmera, breve e circunstancial).

No entanto, independentemente do maior ou menor prestígio que o gênero possa ter nos círculos literários ou nas redações jornalísticas, é certo que muitos intelectuais e escritores consagrados lançaram seus olhares sobre o cotidiano e dele retiraram a matéria viva para a expressão das suas angústias e inquietações. É o que nos revela, por exemplo, o jornalista e escritor mineiro Fernando Sabino (1923-2004), naquela que pretendia ser *A última crônica* por ele escrita. De início, o narrador-repórter mostra-se apreensivo porque na ocasião faltava-lhe a “inspiração” necessária para a escrita. Porém, ainda assim, escreve:

Eu pretendia apenas recolher da vida diária algo de seu disperso conteúdo humano, fruto da convivência, que a faz mais digna de ser vivida. Visava ao circunstancial, ao episódico. Nesta perseguição do acidental, quer num flagrante de esquina, quer nas palavras de uma criança ou num acidente doméstico, torno-me simples espectador e perco a noção do essencial. (...) Lanço então um último olhar fora de mim, onde vivem os assuntos que merecem uma crônica (Sabino, 1987, p. 169).

Nessa crônica de teor metatextual, Sabino não apenas nos coloca novamente diante de uma das características definidoras do gênero (o seu caráter circunstancial), mas posiciona-se como um observador atento das miudezas do cotidiano que frequentemente são relegadas à margem da história, justamente porque são demasiado pequenas para merecer a atenção do jornalismo diário, sob a forma de notícias ou reportagens. Em sua tentativa de flagrar o acidental, à semelhança

de um repórter fotográfico, ele olha à sua volta e depara-se com um acontecimento insólito: um casal aparentemente pobre senta-se ao fundo de um botequim e pede uma pequena fatia de bolo para comemorar o aniversário da filha pequena, que os acompanha; a certa altura, o pai da menina, visivelmente envergonhado, cruza o seu olhar com o do autor da crônica, até que lhe abre um sorriso. Ao final, o autor reflete: “Assim eu queria a minha última crônica: que fosse pura como esse sorriso” (Sabino, 1987, p. 171).

Contudo, ao contrário de Sabino (1987), para quem “os assuntos que merecem uma crônica” habitam fora do narrador-repórter, o gaúcho Caio Fernando Abreu (1948-1996) volta-se para si mesmo como se estivesse em busca de uma revelação divina ou de uma verdade secreta, numa clara atitude de compreensão interior. Publicadas em *O Estado de São Paulo* entre 1986 e 1995, as crônicas de Caio Fernando Abreu foram reunidas e publicadas em livro poucos meses após a sua morte, sob o título de *Pequenas Epifanias*. No texto de apresentação da coletânea, Antonio Gonçalves Filho (2014: 8), então editor do *Caderno 2* daquele jornal, revela que Abreu parecia “avesso a seguir a tradição do gênero que consagrou Rubem Braga”, pois “estava disposto a fazer da crônica uma narrativa explicitamente autobiográfica e escandalosamente literária”. De fato, é o que notamos já nas primeiras linhas da crônica que empresta o título à coletânea, *Pequenas epifanias*:

Há alguns dias Deus – ou isso que chamamos assim, tão descuidadamente, de Deus – enviou-me certo presente ambíguo: uma possibilidade de amor. Ou disso que chamamos, também com descuido e alguma pressa, de amor. (...) Só compreendi dias depois, quando um amigo me falou – descuidado, também – em pequenas epifanias. Miudinhas, quase pífiyas revelações de Deus feito joias encravadas no dia a dia (Abreu, 2014, pp. 23-25).

Sem abandonar o lirismo reflexivo que tanto caracteriza a tradição do gênero no Brasil, Abreu faz da crônica uma espécie de divã de analista, compartilhando com o público do jornal as suas incertezas e angústias mais íntimas. Desse modo, estabelece um profundo diálogo com o leitor,

fazendo deste seu confidente imediato a quem, por vezes, dirige-se de maneira explícita: “Não me entenda mal – não aconteceu qualquer intimidade dessas que você [leitor] certamente imagina” (Abreu, 2014, p. 23).

Aliás, o dialogismo é uma das marcas mais notáveis das crônicas escritas por Abreu, mesmo quando deixa as suas questões existenciais de lado e volta-se para a realidade ao redor:

Se você, como eu, vive em São Paulo e vem sendo acometido de crises cada vez mais frequentes de irritação, dor de cabeça, náuseas, palpitações, insônia, chiliques e achaques dos mais diversos, saiba que descobri o motivo. Não por ser gênio, mas por ser vítima (Abreu, 2014, p. 114).

– escreve em outra crônica, intitulada *Reflexões de um fora da lei do Atrólho*.

O escritor gaúcho, porém, não seria o único a subverter “escandalosamente” a tradição iniciada por José de Alencar e Machado de Assis, no século XIX, e continuada por aqueles que os sucederam – com algumas modificações, vale ressaltar. Entre 1992 e 1995, a essa altura já consagrada por sua obra poética e de ficção, a escritora paulista Hilda Hilst (1930-2004) escreveu uma série de crônicas para o jornal campinense *Correio Popular*, as quais causariam certo alvoroço entre os leitores do periódico. Despida de falsos moralismos e bastante incisiva nas suas observações, Hilst não pouparia críticas à situação econômica e social do Brasil na década de 1990, quando o país atravessava uma séria instabilidade política e financeira. Numa crônica publicada em 2 de janeiro de 1994, escreve:

Sinto muito, leitor. Mas só se eu estivesse louca ou babando verde é que eu desejaria feliz ano novo para todo mundo (...). A dívida externa do País é de US\$ 140 bilhões! Os canalhas [políticos] roubaram mais do que a dívida externa de todo o Brasil! Ahhhhhhhhh!!!! (...) Estou colérica que é como estão aqueles que apostam sim, mas na vida. Bom dia. O que já é difícil (Hilst, 1998, pp. 106-107).

Misto de revolta e desabafo, o excerto exemplifica

bem o tom do discurso adotado pela autora em muitas de suas crônicas. Em vez de recorrer à ficcionalização de um fato, nesse e em outros textos semelhantes, Hilst não se preocupa em encobrir a realidade com um véu de poeticidade ou lirismo – procedimento comumente empregado por muitos cronistas brasileiros. Ao invés disso, procura desnudá-la em sua crueza e sua inteireza com uma linguagem despojada de certos artifícios e floreios literários⁷. Porém, mesmo sendo coerente com a sua própria obra literária, marcada pelo despudor com que abordava até os assuntos mais sérios, sua atitude irônica e debochada dividiria as opiniões dos leitores do jornal, havendo quem a aprovasse e desaprovasse quase na mesma proporção – neste último caso, acusando-a de desvirtuar a tradição dos “grandes cronistas” brasileiros (Bione, 2007, p. 95).

Em anos seguintes, na viragem do século XX para o XXI, a aparição da crônica em um novo suporte, a internet, possibilitou uma transformação e uma difusão ainda maiores do gênero. Se antes a imprensa convencional era o seu lugar de origem por excelência, hoje a crônica circula ainda mais livremente nas diversas páginas e sítios do ciberespaço, ampliando consideravelmente o número daqueles que a leem e escrevem-na. Para além disso, a internet tornou possível a combinação de diferentes formas de expressão (texto, som e imagem) em um único meio, ou seja, “a incorporação simultânea de múltiplas semioses”, na visão de Luiz Antônio Marcuschi (2004, p. 13).

Dessa forma, assim como a maioria dos jornais e revistas pouco a pouco foi conquistando lugar nas infovias inauguradas pela internet⁸, uma nova geração de autores do gênero (jornalistas ou não) logo percebeu o imenso potencial de circulação e acessibilidade do hipertexto, quando comparado ao meio impresso. Entre tantos nomes possíveis, arriscamo-nos a citar aqui alguns daqueles que consideramos os mais representativos das três últimas décadas⁹: Martha Medeiros¹⁰, escritora e jornalista gaúcha; Xico Sá¹¹, jornalista e escritor cearense; a premiada jornalista gaúcha Eliane Brum¹²; o poeta e jornalista Fabrício Carpinejar¹³, também gaúcho; o escritor e cineasta carioca João Paulo Cuenca¹⁴ – todos os quais ainda em atividade e que, de alguma maneira, utilizam-se da internet como meio de divulgação dos seus trabalhos, em

páginas próprias ou vinculadas a jornais de grande circulação.

A título de ilustração, vejamos um trecho da crônica *Carta aberta para um amigo além-mar*, na qual o autor, João Paulo Cuenca (2007, p. 326), descreve de modo bem pessoal a sua visão da realidade brasileira para um amigo que supostamente vive fora do país: “A TV continua cada vez pior e cada vez mais batendo recordes de audiência, 80% de *share*, retorno total de mídia. A coisa aqui, meu caro, tá pretíssima”. Apesar do tom de pessimismo, Cuenca também assume para si o papel de narrador-repórter do cotidiano, mas sem as supostas objetividade e imparcialidade que se esperam de um jornalista.

De modo distinto, Martha Medeiros (2007, p. 324), lança-nos um sopro de otimismo ao falar da existência de “pessoas habitadas” (este é o título da crônica), as quais, segundo ela, “são aquelas possuídas por si mesmas, em diversas versões”. E, ao final, propõe-nos: “Que tenhamos a sorte de esbarrar com seres habitados e ao mesmo tempo inofensivos, cujo único mal que possam fazer é nos fascinar e manter acordados uma madrugada inteira. Ou a vida inteira, que é melhor ainda” (Medeiros, 2007, p. 325). Aqui, a autora procura retomar o teor ameno e o lirismo reflexivo que, de algum modo, marcaram a tradição do gênero no Brasil.

Em que medida, no entanto, a crônica brasileira beneficiou-se das transformações provocadas pelo surgimento do hipertexto? Para Eliane Brum (n.d.), a principal vantagem seria a possibilidade de “escrever os textos do tamanho que eles têm”, já que em princípio a internet não obriga a uma redução tão drástica do conteúdo ao espaço disponível, como ocorre nos meios impressos. Por outro lado, a facilidade com que as informações são rapidamente atualizadas no meio digital tende a acentuar ainda mais a noção de efemeridade da própria narrativa, sobretudo nos “tempos líquidos” em que vivemos – metáfora empregada pelo sociólogo polaco Zygmunt Bauman (2007) para caracterizar a era contemporânea.

Nesse sentido, talvez seja um pouco cedo para que possamos afirmar algo a esse respeito de maneira categórica, mas para já nos parece que

tais mudanças afetaram mais o processo de produção e recepção da crônica – considerando que, ao menos em tese, qualquer pessoa com acesso à internet pode publicar e ler esse tipo de narrativa – do que propriamente os seus aspectos estilísticos e estruturais. No nosso entendimento, as características e a essência do gênero (uma narrativa breve que parte de assuntos do cotidiano, situada entre o jornalismo e a literatura) permanecem basicamente as mesmas, sem alterações substanciais que nos justifiquem falar na emergência de uma forma de expressão diferente daquela já encontrada nas páginas dos jornais brasileiros desde o século XIX.

é atribuído um posto secundário ou de menor importância tanto do ponto de vista dos estudos literários como das preocupações do jornalismo diário. Contudo, independentemente da dimensão que lhe é dada na hierarquia dos gêneros, sejam estes jornalísticos ou literários, o fato é que muitas vezes ela resiste à efemeridade do suporte de origem (jornal, revista ou meio eletrônico) para depois materializar-se em coletâneas e livros onde, finalmente, poderá encontrar seu refúgio definitivo.

4. Considerações finais

Conforme refletimos ao logo deste trabalho, a natureza híbrida da crônica deve-se às próprias características do gênero, que o aproximam tanto do jornalismo como da literatura. Na perspectiva de Felipe Pena (2006), a combinação de elementos presentes nesses dois campos discursivos aponta para um inevitável caminho de metamorfose, de modo que ambos se unem para formar uma terceira via. Para esse autor, não se trata da dicotomia entre ficção ou verdade, nem da oposição informar ou entreter; trata-se de uma verossimilhança possível, de um espaço de autonomia e recriação do real instaurado a partir da subjetividade de quem escreve.

Essa autonomia criadora é ainda mais evidente na crônica: existem tantos modos de escrevê-la quanto pessoas que se dedicam a essa tarefa. Por sua natureza essencialmente híbrida, ela possibilita uma reconstrução ativa da realidade, ao mesmo tempo em que nos auxilia a compreender esta última em sua complexidade, desvelando sentidos e significados que poderiam permanecer ocultos em um relato jornalístico puramente factual. Assim, embora seja um gênero jornalístico em sua origem, a crônica precisa assimilar recursos típicos da literatura para atrair o leitor, envolvendo um duplo processo de captação e ficcionalização do real.

No entanto, observamos que à crônica normalmente

NOTAS

¹ Este é o título de um livro publicado por Carlos Drummond de Andrade em 1974, que reúne textos escritos por ele para o *Caderno B do Jornal do Brasil*, durante o período da ditadura militar no país (1964-1985).

² A entrevista em questão foi concedida por telefone ao jornalista Geneton Moraes Neto em julho de 1987, um mês antes da morte do poeta mineiro, ocorrida em 17 de agosto do mesmo ano, no Rio de Janeiro.

³ Sob o pseudônimo de Manassés, Machado de Assis contribuiu para a revista *Ilustração Brasileira* entre 1876 e 1878, escrevendo uma série de crônicas com o título de *História de Quinze Dias*, em referência à periodicidade quinzenal da publicação. Quando esta sofreu alteração e tornou-se mensal, a coluna transformou-se, coerentemente, em *História de Trinta Dias* (Goskes, 2008, p. 128).

⁴ Para Antônio Dimas (1974), jornalismo e literatura são entidades completamente distintas, cujo único ponto em comum seria o uso da palavra. Sobre essa questão, afirma: “Ora, acreditamos que reside exatamente na distinção entre as funções da linguagem, segundo a proposta jakobsoniana, o nó da questão. Isto é, cumpre considerar a primazia de uma ou outra função, referencial ou poética – na análise do discurso verbal” (Dimas, 1974, p. 48).

⁵ Resultado de uma série de crônicas sobre a diversidade religiosa do Rio de Janeiro, escritas entre 1900 e 1903 para a *Gazeta de Notícias*, a obra foi publicada em 1904 e marcou a estreia de João do Rio em livro.

⁶ Fundado em 1928 por Armando de Carvalho Braga e Jerônimo Braga (ambos irmãos de Rubem Braga), o *Correio do Sul* circulou até os anos 2000 na cidade de Cachoeiro do Itapemirim, porém com alguns períodos de interrupção.

⁷ Conforme relata Carlos Bione (2007, p. 88), em algumas crônicas a escritora chega a questionar-se sobre a necessidade de ser sempre leve, amena e “alegrinha”, atributos normalmente esperados de um cronista.

⁸ Em anos mais recentes, alguns jornais e revistas aboliram completamente as suas formas impressas e passaram a circular exclusivamente pela internet. Esse foi o caso do *Jornal do Brasil*, fundado no Rio de Janeiro em 1891 e impresso até setembro de 2010, quando veio a tornar-se “o primeiro jornal 100% digital do país”, sendo este o seu atual *slogan* (Disponível em [www.jb.com.br]).

⁹ Naturalmente, muitos outros nomes poderiam ser aqui citados, porém optamos por selecionar apenas alguns autores que, a nosso ver, ilustram bem a difusão da crônica brasileira na internet.

¹⁰ Colaboradora dos jornais *Zero Hora* e *O Globo*, Martha Medeiros destacou-se como cronista desde os anos 1990, tendo publicado livros de poesia, romances, contos e crônicas.

¹¹ Francisco Reginaldo de Sá Menezes, mais conhecido como Xico Sá, iniciou sua carreira no Recife e foi colunista da *Folha de São Paulo* até 2014, onde publicou muitas de suas crônicas.

¹² Eliane Brum atua como repórter desde 1988, tendo ganhado mais de 40 prêmios nacionais e internacionais de reportagem. De 2009 a 2011, escreveu crônicas semanais para o site *Vida Breve* e para o site da revista *Época* (até 2013).

¹³ Filho de poetas e também poeta, Fabrício Carpinejar graduou-se em jornalismo nos anos 1990. É colunista do jornal *Zero Hora* desde 2011.

¹⁴ João Paulo Cuenca nasceu no Rio de Janeiro, em 1978. Em 2003, passou a escrever crônicas semanais para os principais jornais brasileiros, entre os quais *O Globo*, *Jornal do Brasil* e *Folha de São Paulo*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abreu, C. F. (2014). *Pequenas Epifanias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Andrade, C. D. de (2009). *Nova Reunião: 23 livros de poesia* (Vol. 1). Rio de Janeiro: BestBolso.
- Assis, M. de (2007). O nascimento da crônica. In J. Santos (Org.). *As cem melhores crônicas brasileiras* (pp. 27-28). Rio de Janeiro: Objetiva.
- Bauman, Z. (2007). *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bione, C. E. (2007). *A escrita crônica de Hilda Hilst*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil.
- Braga, R. (2007). *200 crônicas escolhidas*. Rio de Janeiro: Record.
- Brum, E. (s/d). *Desacontecimentos*. Recuperado de [http://elianebrum.com/colunas]. Consultado [14-01-2017].
- Caminha, P. V. de (1999). *Carta ao Rei Dom Manuel*. Porto Alegre: Mercado Aberto.
- Candido, A. (1992). A vida ao rés-do-chão. In A. Candido, et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil* (pp. 13-22). Campinas: Unicamp.
- Cuenca, J. P. (2007). Carta aberta para um amigo além-mar. In J. Santos (Org.). *As cem melhores crônicas brasileiras* (pp. 326-328). Rio de Janeiro: Objetiva.
- Dimas, A. (1974). A ambiguidade da crônica: literatura ou jornalismo. *Littera*, 4(12), 46-51.
- Gonçalves Filho, A. (2014). As últimas palavras de Laika. In C. F. Abreu. *Pequenas Epifanias* (pp. 7-13). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Goskes, J. (2008). "História de quinze dias": Machado de Assis em uma revista histórico-literária. *Machado de Assis em Linha*, 1(2), 128-138.
- Gutiérrez Carbajo, F. (1999). *Artículos Periodísticos (1900-1998)*. Madrid: Castalia.
- Hilst, H. (1998). *Cascos e carícias: crônicas reunidas*. São Paulo: Nanquim.
- Lispector, C. (2007). Crônica social. In J. Santos (Org.). *As cem melhores crônicas brasileiras* (pp. 173-175). Rio de Janeiro: Objetiva.
- Marcuschi, L. A. (2004). Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In L. A. Marcuschi & A. C. Xavier (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna.
- Melo, J. M. (2002). Crônica. In G. de Castro & A. Galeno (Orgs.). *Jornalismo e literatura*. São Paulo: Escrituras.
- Moraes Neto, G. (2007). *Dossiê Drummond*. São Paulo: Globo.
- Pena, F. (2006). *Jornalismo literário*. São Paulo: Contexto.
- Rio, J. do (2007). Um mendigo original. In J. Santos (Org.). *As cem melhores crônicas brasileiras* (pp. 44-48). Rio de Janeiro: Objetiva.
- Rodrigues, N. (2007). Complexo de vira-latas. In J. Santos (Org.). *As cem melhores crônicas brasileiras* (pp. 118-119). Rio de Janeiro: Objetiva.
- Sá, J. de (2005). *A crônica*. São Paulo: Ática.
- Sabino, F. (1987). *A companheira de viagem*. Rio e Janeiro: Record.
- Sant'Anna, A. R. de (2000). *A sedução da palavra*. Brasília: Letraviva.
- Siebert, S. (2014). A crônica brasileira tecida pela história, pelo jornalismo e pela literatura. *Linguagem em (Dis)curso, Tubarão*, 14(3), 675-685.
- Sória, E. (2005). O Jornalismo literário – ou a imprensa veículo da literatura moderna. *Caleidoscópio: Revista de Comunicação e Cultura*, 5(6), 187-203.